

1. Terra de Coelho

Era uma vez uma linda pele de touro com a forma de Espanha chamada *Ishapan*, que significa, ou significava, terra de coelhos – juro que a palavra significava isso –, e era habitada por uma centena de tribos, cada uma das quais tinha a sua língua e fazia o seu caminho. Mais: procuravam estripar-se uns aos outros por dá cá aquela palha, e só se juntavam para dar cabo do vizinho que fosse mais fraco se este se destacasse por ter melhores colheitas ou gado, ou por ter as mulheres mais bonitas, os homens mais jeitosos e as cabanas mais luxuosas. Que uma pessoa fosse cântabra, ásture, bastetana, mastiana, ilergeta ou lá o que fosse, desde que as coisas lhe corresse bem, isso era suficiente para umas quantas tribos que não gostassem muito dela se juntarem e passarem-na pela pedra, ou pelo bronze, ou pelo ferro, conforme a época pré-histórica em que estivessem. Inveja e mau feitio já eram, na altura, a marca desta terra, como refletem os textos mais antigos que nos mencionam. *Ishapan*, como eu já disse. Ou seja, esta coisa. Sendo assim poder-se-ia classificar em geral toda essa pandilha de animais bípedes, tão prolífica a longo prazo, em dois grandes grupos étnicos: Iberos e Celtas. Os primeiros eram baixinhos, morenos, e tinham mais sorte com o sol, as minas, a agricultura, as praias, o turismo fenício e grego e outros fatores económicos interessantes. Os Celtas, por sua vez, eram loiros, ligeiramente mais brutos e muitas vezes mais pobres, coisa que eles resolviam fazendo incursões nas terras do Sul, acima de tudo para estreitar laços com as iberas, as quais,

embora menos exuberantes do que as loiras lá de cima, tinham a sua pitada meridional e a sua graciosidade castiça (veja-se, por exemplo, a Dama de Elche). Os iberos, é claro, costumavam levar isto a mal e muitas vezes retribuíam a visita. Por isso, quando não se estavam a esquarterjar domesticamente na sua própria casa, os Iberos e os Celtas faziam-no uns aos outros, sem complexos de espécie alguma. Este método era muito facilitado por uma espada genuinamente aborígene chamada *falcata*, um prodígio de ferramenta forjada em ferro – Diodoro da Sicília qualifica-a como magnífica – que cortava como uma lâmina de barbear e, o que era de esperar de mãos adequadas, proporcionava a Iberos, Celtas e ao resto da malta terapias de grupo apaixonantes e belas experiências coletivas de cirurgia ao vivo e em direto (tem o seu simbolismo premonitório o facto de ter sido uma espada uma das primeiras coisas de cá que os Gregos e os Romanos elogiaram). Como, na altura, a Península estava tão cheia de bosques que um esquilo podia percorrê-la saltando de árvore em árvore, era de grande ajuda que todas aquelas ruidosas incursões, estripações com falcata e demais atos sociais pudessem ser feitos à sombra, o que facilitava as coisas e a vontade. Animava muito. De qualquer modo, temos de reconhecer que tanto Iberos como Celtas, e depois os Celtiberos, resultado de tantas incursões de estilo romântico pela pele de touro acima ou pela pele de touro abaixo, eram autênticos virtuosos na arte de picar carne própria ou alheia. Ferozes e valentes a roçar o disparate, estavam-se literalmente nas tintas para a vida, própria ou alheia. Segundo os historiadores de então, aqueles nossos avós morriam a matar quando os derrotavam, e a cantar quando os crucificavam, suicidavam-se em massa quando o chefe da tribo batia a bota ou a sua equipa de futebol perdia, e as senhoras, quando lhes subia a mostarda ao nariz, eram de fugir. De tal forma que, quem fosse inimigo e caísse vivo nas suas mãos, mais lhe valera que não tivesse caído. E se, além disso, aquelas angelicais criaturas de ambos os sexos tivessem acabado de embarcar umas litrosas de *caelia*, que era a cerveja da altura, nem vos digo nada. Imaginem as carraspanas que os meus

primos apanhavam. E as primas. Porque no aspeto religioso, aliás, na falta ainda de monsenhores que apascentassem as suas almas proibindo-lhes a mancebia, o preservativo e o aborto, e na falta ainda do telemóvel, da *Operação Triunfo* e do *Sálvame*¹ para fazer babar em grupo, prestavam culto aos rios, às montanhas, aos bosques, à lua e outros *et ceteras*. E era este, mais século menos século, o panorama da terra dos coelhos quando, perto de oitocentos anos antes de o Espírito Santo sob a forma de pomba ter visitado a Virgem Maria, uns marinheiros e mercadores de cara pintada chamados Fenícios chegaram pelo Mediterrâneo trazendo duas coisas que em Espanha viriam a ter prestígio e fortuna desiguais: o dinheiro (a que teria mais) e o alfabeto (a que teria menos). Também foram os Fenícios que inventaram a bolha imobiliária, adquirindo propriedades na costa, adiantando-se aos reformados anglo-saxões e aos simpáticos mafiosos russos que hoje dançam a canção dos passarinhos em Benidorm. Mas dos Fenícios, dos Gregos e de outra gente parecida falaremos num próximo capítulo. Ou não.

2. Roma Rouba-nos

Como estávamos a dizer, Gregos e Fenícios assomaram à costa da Hispânia, deram uma olhada ao pessoal do interior (se agora nos vemos como nos vemos, imaginem-nos então em Villailergete del Arévaco, com as nossas boinas, varapaus, falcatas e afins) e disseram: é melhor não, obrigado, ficamos por aqui, na praia, a fazer turismo com as minas e as feitorias comerciais, e o interior é melhor

¹ Programa de variedades das tardes da Telecinco, controverso e de grande audiência. (*N. dos T.*)

ser a minha sogra a colonizar, se tiver tomates para isso. Mas uns tipos que, de facto, eram primos dos Fenícios é que tiveram tomates, ou em parte – «Venham, que vai ser fácil», disseram estes segurando o riso – e chamavam-se Cartagineses, porque viviam a dois passos dali, em Cartago, hoje Tunes, ou por ali. E pronto. Vieram os Cartagineses cheios de presunção para fundar cidades: Ibiza, Cartagena e Barcelona (esta última foi por Amílcar Barca, criador também da famosa frase *Roma rouba-nos*). Para começar, houve uma ligeira bronca com alguns caudilhos celtiberos chamados Istolácio, Indortes e Orisson, entre outros, que foram devidamente massacrados e crucificados; entre outras coisas, porque ali cada um ia por sua conta, ou aliava-se aos Cartagineses durante o tempo necessário para rebentar com a tribo vizinha, mas depois adeus e passe muito bem (acho que foi Políbio quem disse isto). Por isso, os de Cartago destruíram umas quantas cidades: Belchite, que se chamava Hélice, e Sagunto, que se chamava da mesma forma que agora e era próspera até dizer chega. O senão foi Sagunto, antiga colónia grega, também ser aliada dos Romanos: uns gabarolas que naquela altura – século III antes de Cristo, façam as contas – começavam a armar-se em fanfarrões no Mediterrâneo. E é claro. Gerou-se uma barafunda enorme, com guerra e tudo. Ainda por cima, para piorar a coisa, o filho de Amílcar, que se chamava Aníbal e era vesgo, não podia ver Roma nem com o olho são, ou seja, nem em fotografia, porque em pequeno tinham-no obrigado a tragar o *Quo Vadis* na televisão todas as Semanas Santas, ou coisa parecida, e a criança acabou por jurar ódio eterno aos Romanos. De tal forma que, depois de desbaratar Sagunto, reuniu um exército que só de ver já metia medo, com númidas, elefantes e cruéis catapultas que lançavam discos de Manolo Escobar. Além disso, sob o lema *Vem com Aníbal e verás mundo*, recrutou trinta mil mercenários celtiberos, atravessou os Alpes (aquela foi a primeira mão de obra espanhola qualificada que saiu para o estrangeiro) e passou pela Itália distribuindo porrada a torto e a direito. O ponto engraçado da coisa foi, graças ao vesgo, os nossos fundibulários baleares, ginetes e

esfaqueadores vários, precursores dos tércios de Flandres e da seleção espanhola, participarem em todas as sovas que Aníbal deu aos de Roma na sua própria casa, que foram umas tantas: Ticino, Trébia, Trasimeno e a final da taça em Canas, a mais vistosa de todas, onde bateram a bota cinquenta mil inimigos, mais romano, menos romano. O problema foi que depois, em vez de continuar a direito até Roma pela via Ápia e terminar o serviço, Aníbal e as suas hostes, incluindo os hispanos, ficaram por ali entregues ao vício, à lâzeira, às romanas caprichosas, às práticas licenciosas e outras rimas procelosas. Mas enquanto eles mandriavam na Itália, um general inimigo chamado Cipião desembarcou astutamente em Espanha à hora da sesta, apanhando-os pela retaguarda. A seguir conquistou Cartagena e acabou por dizer ao vesgo para baixar a bolinha; até que este, tendo retirado para o norte de África, foi derrotado na batalha de Zama, depois da qual se suicidou para não cair nas mãos do inimigo, por vergonha própria, livrando-se assim de aparecer no telejornal com os carpetanos, os cântabros e os mastianos que antes o aplaudiam que nem loucos quando ela ganhava batalhas, agora amontoados perante o tribunal – as duas atitudes tipicamente celtibéricas – chamando-lhe cobarde e ladrão. A verdade é que Cartago ficou um farrapo, e Roma meteu a Hispânia toda num saco. Sem saber, é claro, onde se metia. Porque, se a Gália, com toda a sua bazófia irredutível tipo Astérix e Obélix, foi conquistada por Júlio César em nove anos, para Espanha os Romanos precisaram de duzentos. Imaginem o riso. E a arte. Mas é normal. Aqui nunca houve pátria, mas chefes sim (é Plutarco quem o diz na biografia de Sertório). Um em cada povoação da treta: Indíbil, Mandónio, Viriato. E é claro. Era preciso limpar o sebo a esta malta um a um. Mas isto, mesmo para pessoas organizadas como os Romanos, levava algum tempo.

3. *Rosa, Rosae*. Falando Latim

Tínhamos ficado em Roma. Que Cipião, vencedor de Cartago, depois de acabar o trabalho, diz aos seus colegas gerais «agora façam vocês o resto» e volta para a mãe-pátria. Entretanto, a Hispânia, que ainda não pode ser considerada Espanha, mas já promete, converte-se, em palavras de não me lembro que historiador, em *sepulcro de romanos*; duzentos anos para pacificar o panorama, porque povos metidos em zaragatas tivemos ao pontapé. O sistema romano era picar carne de forma sistemática: legiões, matança, crucificação, escravos. O típico. Era gerido por uns tipos chamados pretores, Galba e outros, que eram cínicos e cruéis à maneira dos maus da fita, estilo xerife de Nottingham, especialistas em enganar as tribos com pactos que depois não cumpriam nem de longe. O método funcionou, lento mas seguro, com altos e baixos chamados Indíbil, Mandónio e tal. O mais alto e baixo de todos foi Viriato, que deu pancadaria da grossa até Roma subornar os seus capitães e estes lhe limparem o sebo. A sua tropa, zangada, resistiu numantivamente numa cidade chamada Numância, que aguentou dez anos até o neto de Cipião acabar por tomá-la, com grande matança, suicídio geral (é o que dizem Floro e Orósio, embora pareça peta) e outras coisas. Outro que se armou em Viriato foi um romano jeitoso e esperto chamado Sertório, que se meteu em confusões na sua terra, veio para cá, tornou-se caudilho, no bom sentido da palavra, e chateou os seus antigos compatriotas até estes, recorrendo ao método habitual – a lealdade não era a virtude local mais primorosa – conseguirem que um antigo lugar-tenente o despachasse. E assim, entre sublevações, matanças e novas sublevações, foi-se romanizando o assunto. De vez em quando surgiam outras numâncias, que eram passadas pela pedra de amolar rebeliões. Uma das últimas foi Calahorra, que ofereceu heroica resistência popular – daí vem o antigo refrão: *Calahorra, a que não resistir a Roma é zorra*. *Et cetera*. O lado bom de tudo isto foi ter terminado, a longo

prazo, com as pequenas guerras civis celtiberas; porque os Romanos tinham o bom hábito de enganar, crucificar e escravizar imparcialmente tanto uns como outros, sem se casarem com ninguém. Ainda assim, quando se apresentava a ocasião, como na guerra civil trazida por Júlio César e os partidários de Pompeu, os Hispanos tomavam partido por um ou por outro, porque qualquer pretexto valia para queimar a colheita ou violar a legítima do vizinho, invejado por ter uma quadriga com cavalos melhores, entrada livre no anfiteatro de Mérida ou outros privilégios. A verdade é que paz, aquilo a que se chama paz, não existiu até Octávio Augusto, o primeiro imperador, vir em pessoa e partir a espinha dorsal aos últimos cântabros, vascões e ástures irredutíveis, que resistiam tipo *facto diferencial*², barricados na peliça de peles e no queijo de cabra – era o que faltava irem com reivindicações autonómicas a Octávio. A verdade é que a partir de então os Romanos chamaram Hispânia a Hispânia, o que já é chamar há muito tempo, dividindo-a em cinco províncias. Exploravam o ouro, a prata e a famosa tríade mediterrânica: trigo, vinho e azeite. Houve obras públicas, prosperidade e empresas comuns que preencheram o vazio que – veja-se Plutarco, miúdo esperto – a palavra *pátria* tivera até então. As pessoas começaram a habituar-se a essa coisa de ser romano: as palavras *hispanus sum*, sou hispano, adquiriram sentido dentro do *civis romanus sum* geral. As cidades converteram-se em focos económicos e culturais, unidos por estradas tão bem feitas que algumas ainda hoje se conservam. Jovens com vontade de aventuras ou com vontade de comer começaram a alistar-se como soldados de Roma, e legionários veteranos obtiveram terras e casaram-se com hispanas que pariam hispano-romaninhos com outra mentalidade: gente que sabia declinar *rosa*, *rosae* e estudava para arquiteto de aquedutos

² Referência ao termo *hecho diferencial*, introduzido nos anos vinte do século passado pelo catalanista Francisco Cambò, para designar um conjunto de características culturais, históricas, geográficas, económicas e sociais de algumas comunidades autónomas de Espanha, designadamente a Catalunha. (*N. dos T.*)

e coisas assim. Por estas datas chegaram também os primeiros cristãos, que ainda só se entregavam às suas coisas, que era ir à missa, não chateavam a sociedade com o aborto e os bailes pecaminosos, nem arrimavam os terços aos ovários, nem esse tipo de coisas que vieram depois. Prova de que isto corria bem foi a malta que cá nasceu nessa época: Trajano, Adriano, Teodósio, Séneca, Quintiliano, Columela, Lucano, Marcial... Três imperadores, um filósofo, um retórico, um especialista em agricultura internacional, um poeta épico e um poeta satírico. Entre outros. Quanto à língua, ora oiçam. Não é exato que, vinte e tantos séculos depois, o latim seja uma língua morta. Nós, que falamos castelhano, galego ou catalão, embora não nos apercebamos, continuamos a falar latim.

4. Roma Vai à Vida

E aqui estávamos, quatro ou cinco séculos depois de Cristo, em plena bolha imobiliária, a viver como cidadãos do Império Romano, que era algo parecido com viver como bispos mas em laico, desfrutando de calçadas e aquedutos, prósperos até dizer chega, com o último modelo de quadriga estacionado à porta, hipotecando-nos para irmos de férias às termas ou comprar uma segunda *domus* no litoral da Bética ou na Tarraconense. A viver à grande. E, com o *boom* do denário e a exportação de ânforas de vinho, e com a agricultura, a ganadaria, as minas, o comércio e as bailarinas de Gades tudo ia de vento em popa. E então – em assuntos de história tudo está inventado há muito – chegou a crise. As pessoas abandonaram o campo para ir para as cidades, a metrópole absorvia cada vez mais recursos empobrecendo as províncias, os proprietários tornaram-se mais ambiciosos e vorazes entrincheirados nos seus latifúndios,

os pobres ficaram mais pobres e os ricos, mais ricos. E como se isso não bastasse, as coisas ainda pioraram: tornámo-nos cristãos para irmos para o Céu. Nasceram então os primeiros dentes ao fanatismo e à intransigência religiosa, que nunca mais nos abandonariam, e o alto clero hispano começou a molhar o pão em todas as sopas, incluindo a grande propriedade rural e a política. Neste ponto, os antigos legionários que tinham conquistado o mundo amaneiraram-se de tal modo que, em vez de cortar os pés aos bárbaros (originariamente, *bárbaro* não significa selvagem, mas sim estrangeiro) como era sua obrigação, meteram-se também na política, pondo e tirando imperadores. Houve trinta e nove em meio século; e muitos, assassinados por colegas. Então, para garantir as fronteiras, os limes do Danúbio, a muralha de Adriano e sítios assim, disseram aos bárbaros em frente: «Olha, Olaf, tu ficas aqui de guarda com o capacete e a lança que eu vou a Roma buscar tabaco». E Olaf instalou-se deste lado da fronteira com a família e, quando se viu sozinho e com a lança, chamou os compadres Sigerico e Odilon e disse-lhes: «Venham p'ra cá, colegas, estes idiotas estão a pôr-nos isto a jeito». E vieram todos para cá, afiando o machado. E foi a isto que se chamou invasões bárbaras. E como se fosse pouco, dentro de Roma havia outros imigrantes, que eram os teutões, partos, pictos, númidas, garamantes e outros fulanos que tinham vindo como escravos, de graça, ou como voluntários para fazerem os trabalhos que os Romanos, já cheios de tiques, lhes dava nojo fazer; e agora, devido à crise, estes desgraçados não tinham outro remédio senão ir para gladiadores – que não tinham segurança social – e depois revoltarem-se como Espártaco, ou fazer-se à vida ainda de forma pior. E a estes, que já não eram poucos, juntaram-se os Romanos com cartão de cidadão, ou seja, as classes média e baixa empobrecidas pela crise económica, enlouquecidas pelos impostos dos ministros Montorus Filhoputus³ da altura, asfixiadas pelos

³ Alusão ao ministro das Finanças do governo PP em Espanha de 2011 a 2018, Cristóbal Montoro. (N. dos T.)

latifundiários e estranguladas pelos padres que além disso proibiam fornicar, último consolo dos pobres. Por isso, começaram todos a fazer a cama ao Império Romano, tanto fora como dentro, com muita vontade. Imaginem a classe política da altura, mais ou menos como agora a gentalha dirigente espanhola, com o Império-Estado em farrapos, a corrupção, a ladroagem e o deixa-andar, os senadores Anasagastis e os deputados Rufianes⁴, a malta indignada quando ainda não estavam na moda as formas politicamente corretas e tudo se resolvia a degolar. Acrescentem o salve-se quem puder habitual, e será fácil imaginar como aquilo rangeu pelas costuras, acabando o *Para travar o furor da guerra, dobrar a cabeça sob as próprias leis* (que foi escrito por um tal Prudêncio, com nome adequado ao caso). As invasões começaram a sério no princípio do século v: Suevos e Vândalos, que eram povos germânicos loiros e tal, e Alanos, que eram asiáticos, de cabelo escuro, e que tinham feito um passeio do caraças – calculem, da Ucrânia, ou por ali – porque tinham ouvido dizer que a Hispânia era um paraíso e havia duas tabernas por habitante. A verdade é que, um após outro, aquelas bestas armaram um trinta e um, saqueando cidades e igrejas, violando as respeitáveis matronas que ainda eram respeitáveis e fazendo outras barbaridades próprias de bárbaros, tal como o substantivo indica. Com isto a Hispânia civilizada, ou o que restava dela, foi com os porcos. Para travar estas tribos, Roma já não tinha forças próprias. Nem vontade. Por isso contratou mão de obra temporária para a questão. Godos, chamavam-se eles. Com nomes esquisitos como Ataulfo e Turismundo. E eram outra tribo bárbara, embora um bocadinho menos.

⁴ Referência aos políticos espanhóis Iñaki Anasagasti, do Partido Nacionalista Basco, e Gabriel Rufián, da Esquerda Republicana da Catalunha. (*N. dos T.*)